



Pesquisa em educação: elementos para pensar a educação escolar, seu impacto social, a importância da formação docente e de políticas públicas articuladas com as lutas pela escola pública

Profa. Dra. Mônica Maria Teixeira Amorim¹

1

Resumo: Este trabalho resulta da transcrição de uma fala ocorrida na mesa redonda de encerramento do XIV Congresso Nacional de Pesquisa em Educação (COPED), evento realizado na Unimontes em junho de 2023. Para tratar do tema geral da mesa “A Pesquisa em Educação: Políticas Públicas, Formação de Professores e Impacto Social” a fala parte de um estudo desenvolvido em uma favela na cidade de Belo Horizonte-MG. Exploram-se dados obtidos a partir de entrevistas realizadas com sujeitos envolvidos em lutas e movimentos sociais do território pesquisado com o propósito de suscitar reflexões sobre a educação escolar, seu impacto social, a importância da formação de professores e de políticas públicas articuladas com as lutas pela escola pública. Ressalta-se o fecundo diálogo que deve ser intensificado entre educação e movimentos sociais.

Palavras-chave: Escola pública. Formação docente. Pesquisa. Movimentos sociais.

Research in education: elements for thinking about school education, its social impact, the importance of teacher training and public policies linked to the struggles for public schools

¹ Doutora em Educação pela UFMG. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), *campus* Montes Claros. Minas Gerais, Brasil. E-mail: monica.amorim@unimontes.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3537-2686>.



Abstract: This work results from the transcription of a speech given at the closing round table of the XIV National Congress of Research in Education (COPED), an event held at Unimontes in June 2023. To address the general theme of the table “Research in Education: Public Policies, Teacher Training and Social Impact” the speech is part of a study carried out in a favela in the city of Belo Horizonte-MG. Data obtained from interviews carried out with subjects involved in struggles and social movements in the researched territory are explored with the purpose of raising reflections on school education, its social impact, the importance of teacher training and public policies linked to struggles through public school. The fruitful dialogue that must be intensified between education and social movements is highlighted.

Keywords: Public school. Teacher training. Research. Social movements.

Investigación en educación: elementos para pensar la educación escolar, su impacto social, la importancia de la formación docente y las políticas públicas vinculadas a las luchas por la escuela pública

Resumen: Este trabajo resulta de la transcripción de un discurso pronunciado en la mesa de clausura del XIV Congreso Nacional de Investigación en Educación (COPED), evento realizado en Unimontes en junio de 2023. Para abordar el tema general de la mesa “Investigación en Educación: Políticas Públicas, Formación Docente e Impacto Social”, el discurso parte de un estudio realizado en una favela de la ciudad de Belo Horizonte-MG. Se exploran datos obtenidos de entrevistas realizadas a sujetos involucrados en luchas y movimientos sociales en el territorio investigado con el propósito de suscitar reflexiones sobre la educación escolar, su impacto social, la importancia de la formación docente y las políticas públicas vinculadas a las luchas a través de la escuela pública. Se destaca el diálogo fructífero que debe intensificarse entre la educación y los movimientos sociales.

Palabras clave: Escuela pública. Formación de docentes. Investigación. Movimientos sociales.

Pesquisa em educação: elementos para pensar a educação escolar, seu impacto social, a importância da formação docente e de políticas públicas articuladas com as lutas pela escola pública²

Para tratar desse tema nós tomamos como ponto de partida uma pesquisa que estamos realizando, uma pesquisa no campo da educação intitulada "O papel da educação nas lutas e movimentos sociais e na democratização do acesso à escola". É um trabalho financiado pela FAPEMIG e, a partir dos dados que coletamos, por meio de entrevistas, a gente traz aqui para dividir com vocês as primeiras análises, análises estas dirigidas para pensar a educação escolar, seu impacto social, a importância da formação de professores e de políticas públicas articuladas com as lutas pela escola pública. E eu falo do lugar de alguém que se preocupa muito com a democratização da escola, com as lutas em defesa da escola pública. Eu venho da escola pública básica, lá eu me formei, e aqui na universidade, como docente que trabalha como formadora de professores, me é muito caro esse tema. Então, a partir desse lugar e da direção que elegemos é que eu vou dividir com vocês algumas questões da nossa pesquisa, algumas observações e inquietações que vêm desse trabalho.

Esse é um trabalho coordenado pela professora Zaira Rodrigues Vieira, da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), um estudo em que participo eu, aqui da Unimontes, em parceria com colegas da UEMG: o professor Francisco André Martins, o professor Herbert Glauco de Souza, a professora Liliane Souza e Silva, todos eles da UEMG, e também contamos com estudantes bolsistas, o Carlos Correa Lorens, a Débora Rioga Viana e a Paula Lorrane Rodrigues da Silva.

O propósito geral deste estudo é investigar a relação complexa entre o acesso à educação e as lutas sociais, de modo a examinar, de um lado, o papel dessas lutas no avanço da democratização do ensino e, de outro, a repercussão e o papel histórico desse avanço sobre as próprias mobilizações sociais. Então, esse é um propósito mais geral, e

² Este trabalho resulta da transcrição de fala ocorrida em 16/06/2023, na Unimontes, na Mesa Redonda de Encerramento do XIV Congresso Nacional de Pesquisa em Educação (COPED).

a gente fez uma revisão de literatura e um estudo empírico. Conforme eu já disse, para análise nessa noite a gente fez um recorte, a partir de dados da pesquisa empírica que foi realizada num território na capital mineira, numa favela na cidade de Belo Horizonte, uma favela densamente povoada, lá em BH, onde as entrevistas foram desenvolvidas.

As entrevistas realizadas contaram com um roteiro de oito questões, sendo três questões mais ligadas à identificação dos sujeitos e cinco questões dirigidas para as trajetórias escolares e as vivências desses sujeitos em movimentos e lutas sociais. Nós realizamos ao todo nove entrevistas, de novembro de 2022 a maio de 2023. Acabamos agora a transcrição e estamos em processo de análise dos dados. As entrevistas foram feitas com nove moradores dessa favela, notadamente envolvidos em movimentos e lutas sociais. Então, foram sujeitos indicados, são sujeitos que vivem ali, sujeitos que estão à frente de movimentos sociais, de lutas, de projetos na comunidade.

Os entrevistados, são quatro mulheres, uma pessoa trans e quatro homens, e a gente aqui nomeou cada um deles para trazer um pouco das falas com nomes fictícios. Então, à medida que eu for trazendo os nomes, são nomes que são de fato fictícios, para preservar a identidade dos nossos informantes.

Quando a gente realizou as entrevistas, a nossa perspectiva foi a de “falar com” e não de “falar por”. Nós partimos desse entendimento da escuta atenta e sensível que se faz por meio de uma postura que envolve não apenas ouvidos, mas olhos e alma. Nesse sentido, a gente adotou esse entendimento posto pela historiadora Marta Rovai (2021)³, que trabalha nessa perspectiva da escuta sensível, uma escuta preocupada em respeitar e acolher os sujeitos e suas narrativas.

Bom, o que revelam os dados dessas entrevistas? A gente vai trazer, dividir com vocês os dados, e esperamos que muitas análises possam emergir aqui das nossas conversas no momento do debate. Então a gente questionou, para além de homens, mulheres, como esses sujeitos se identificam? Que interrogações trazem para a

³Marta Gouveia de Oliveira Rovai, historiadora e professora da Universidade Federal de Alfenas (Unifal) em Escutas sensíveis, vozes potentes: diálogo com mulheres que nos transformam.

educação, para a escola, para a pesquisa e para as políticas públicas? Que questões apontam para a reflexão acerca da formação de professores?

De início, o que esses dados nos apresentam? Primeiro, é um grupo majoritariamente negro, com média de idade entre 32 e 50 anos, com pais que apresentam pouca escolarização. Os entrevistados dividem a vida ou dividiam uma vida entre o estudo e o trabalho, sendo que quatro entrevistados fizeram o curso superior e acreditam que hoje há mais jovens com formação superior na comunidade. A entrevistada Tereza vai nos dizer que ela é a primeira pessoa, dentro da família, formada em graduação, assim como outros, que também nos relatam desse mesmo modo. Um outro entrevistado, Felipe, vai falar que:

A qualificação profissional hoje tem crescido muito, entendeu guerreiro? Então, com esse crescimento gradativo e positivo, a galera está tendo um currículo mais amplo, porque hoje a galera está tendo acesso a universidades, tem um projeto muito legal do pré-Enem, hoje tem jovens em direito, medicina, professor, pedagogia. E assim por diante, sabe? Então isso tem ajudado muito a quebrada.

5

Essas falas indicam os reflexos das políticas de expansão da oferta do ensino superior no Brasil a partir dos anos de 2003, políticas que ampliaram as possibilidades de acesso à educação superior no país. São dados que apontam a importância, entre outras, da política de cotas para o enfrentamento das desigualdades no Brasil. A filósofa Sueli Carneiro, uma das intelectuais mais importantes do movimento negro, antirracista e feminista do Brasil, avalia que “Cotas são remédio mais exitoso no combate às desigualdades que caracterizam o nosso país”. Segundo ela, “nos últimos 40 anos os movimentos negros foram capazes de uma série de conquistas, em especial a consolidação das cotas raciais”. Essa avaliação de Sueli Carneiro está disponível em matéria publicada na Folha de São Paulo de 11/11 de 2022⁴, mas há um conjunto de estudos, de pesquisas no campo da educação, e a gente poderia citar aqui diversos autores que fazem um balanço desse tempo de cotas no país e que apontam o quanto

⁴ Ver: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/08/cotas-sao-remedio-mais-exitoso-no-combate-as-desigualdades-diz-sueli-carneiro.shtml?s=08>

elas têm contribuído para tornar a nossa universidade mais negra, mais popular, mais periférica.

Em recente participação no podcast “Mano a Mano”, comandado por Mano Brown no Spotify⁵, Sueli Carneiro também falou sobre cotas e lembrou que:

Os primeiros “cotistas” do país, os primeiros a usufruir de políticas afirmativas, foram os brancos europeus que recebiam diversos incentivos do governo para virem para cá. Hoje, muitos que bradam contra as cotas, se orgulham das conquistas de seus avôs italianos em solo brasileiro. Possuem discursos meritocráticos, mas se esquecem, ou fingem esquecer, que isso só foi possível graças às políticas que ofereceram a eles a possibilidade de prosperarem.

6

E ressaltou: “Branco precisam acordar para as suas responsabilidades nessa engrenagem”. Então, a nossa preocupação, como pesquisadora da educação, como mulher branca, como uma mulher que trabalha com formação de professores, tendo acesso a esse dado, tendo acompanhado desde 2003 políticas afirmativas, um conjunto de políticas, não apenas a política de cotas, nos levam a reconhecer esse ponto: essas políticas têm sido importantes para a gente construir uma universidade, e uma sociedade mais justa e mais democrática. Assim, essa realidade desigual, ela interroga a todos nós, não apenas pessoas negras, mas pessoas não negras também, ela interroga a escola, ela interroga o currículo, ela interroga a formação de professores.

Isso já foi bem anunciado pela Regina⁶, na fala dela. E como bem salientou Frantz Fanon (1979), em os “Condenados da Terra”:

os descendentes dos mercadores de escravos, dos senhores de ontem, não têm, hoje, de assumir culpa pelas desumanidades provocadas por seus antepassados. No entanto, têm eles a responsabilidade moral e política de combater o racismo, as discriminações e, juntamente com os que vêm sendo mantidos à margem, os negros, construir relações raciais e sociais sadias, em que todos cresçam e se realizem enquanto seres humanos e cidadãos.

⁵ Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2022/06/sueli-carneiro-os-melhores-momentos-do-papo-reto-da-intelectual-negra-com-mano-brown>

Acesso em 01/06/2023

⁶ Professora/pesquisadora que participou da mesma mesa e cuja fala foi proferida antes.

Na sequência, quando analisamos os dados das entrevistas, para além dos dados de identificação, quando os sujeitos vão falando deles, da presença majoritariamente negra na favela, das dificuldades de escolarização, da necessidade de ter que trabalhar, das dificuldades materiais de vida, vai ficando muito claro para a gente um conjunto de questões relacionadas com o trabalho de formação de professores, o trabalho que a escola tem a realizar. Assim, a partir das questões que abordam as trajetórias e vivências dos entrevistados, nós organizamos alguns dados, e aqui dividimos em seis grupos: o primeiro, presente nas falas, **a vivência do preconceito na escola**, e o segundo, **estigmatização da favela**, corroboram a importância das políticas afirmativas; o terceiro abarca **as lutas** desses sujeitos, porque são sujeitos, como dissemos, envolvidos com lutas, com movimentos sociais, com projetos, na favela citada; o quarto, **a importância da escola**, aparece intensamente nos discursos dos sujeitos; o quinto, **uma escola que aborda a diversidade que fale de política**, é recorrente nas falas dos entrevistados; e por fim, o sexto, **a formação de professores em diálogo com as lutas pela escola pública de qualidade para todos**, explora algumas pistas que encontramos, a partir dos discursos dos sujeitos, e que nos ajudam a pensar a formação docente.

Então, o que a gente percebe sobre a **vivência do preconceito na escola**? A entrevistada Tereza fala do preconceito de origem que ela sofreu quando foi estudar numa “escola do asfalto”, ou seja, quando ela saiu da favela e desceu para estudar fora da favela. Ela diz:

“Olha ela! Ela veio de onde veio e tá tirando nota”. Então a gente sabe, né? Então a gente sabe o que a gente sofre né! Que acontece com a gente sempre. E favelada. E aí é [...].Eu só consegui ter uma amiga mesmo dentro da escola, quando chegou uma menina negra [...]. Porque você vai pra uma escola que tem uma população pobre, uma população que é de favela... é preta. Quê que geralmente alguns professores fazem? Não tem esse cuidado, não tem um olhar muito sensível... então chega lá e taca a matéria no quadro e não tá nem aí.

A vivência do preconceito na escola foi narrada por muitos outros, mas também está muito presente com o sentimento que eles colocam de **estigmatização da favela**,

de quando a favela é vista a partir de um estigma. Para Tereza: “A favela é muitas vezes vista como esse lugar marginalizado, lugar de crime, mas tem muita coisa massa ali também, que não é retratada”. Nessa direção Dandara afirma:

Porque sempre na visão de fora, igual agora, eu moro aqui, eu fico olhando a BR ali, lá no ponto do ônibus, as pessoas passam de carro e eles olham como se fosse um zoológico. Muitas pessoas têm curiosidade de entrar, de saber como que é. É igual a qualquer outro lugar. Só que o único problema da nossa comunidade é a falta de estrutura, a falta de apoio, aquela falta de as pessoas abraçar mesmo, de verdade a parte cultural e artística né, da comunidade”.

A estigmatização da favela também é retratada por Solano, que diz que o projeto que ele desenvolve na favela “surgiu com o objetivo de mostrar a favela como ela é, de fato, porque geralmente a mídia só mostra o lado ruim da favela”. Contudo, para além do preconceito que viveram na escola e do estigma da favela, eles falam de **suas lutas**, dos projetos que desenvolvem. Antonieta comenta acerca da dificuldade até pouco tempo atrás de encontrarem vagas nas escolas, e explica:

os pais tinham que dormir na porta da escola, madrugar na porta da escola, não só da escola também do posto de saúde para marcar uma consulta, mas da escola em específico era assim, não era fácil né. E também tinha o problema que a maioria das escolas não tinha quadra, dentro da comunidade mesmo as escolas não tinham quadra, não tinha lazer, era só o refeitório. E a gente lutou muito, assim, já fizemos até manifestação por causa disso.

Antônio reforça: “antigamente pro cê arrumar uma vaga na escola sua mãe tinha que enfrentar fila e tal”. “A gente vai só lutando”, diz Tereza. E prossegue: “a gente não para não. Vai só lutando! Só lutando... E eu acho que hoje, querendo ou não, eu sinto que a gente ainda luta pela educação de qualidade, sinto que a gente luta por moradia, sinto que a gente luta por cultura”. Antonieta também rememora suas lutas e relata:

É, fui criada ali vendo a diferença socioeconômica [...] fui vendo chegar ali dentro do Morro, invadir e tomar conta do Morro, que é a violência que a gente tá vendo ali hoje, e foi assim que eu comecei a iniciar dentro da própria escola alguns movimentos para a gente mudar a cabeça dos colegas de sala.

Eu perdi muitos amigos, na minha adolescência, pro crime, e ali a gente tentava fazer alguns projetos como dança de rua.

Adão também fala das lutas. Ele diz que “O movimento que a gente mais fez na época foi através da arte”. E explica que ele começou “a fazer desenho, escrever poesia, escrever fatos que aconteciam dentro do morro, para falar através dela. E eu estou aí até hoje, assim, através da arte, da poesia, da música, a gente vai expressando”. Adão também destaca que, através disso:

a gente mostra pra comunidade, porque ela tem voz né. Então o impacto nosso hoje, se você subir no morro hoje e for discutir uma questão, até com uma criança, hoje ela já sabe a maioria das coisas que ela tem direito né, que ela tem direitos e, outra coisa, que ela não precisa aceitar tudo que vem de fora né. Então você muda muitas coisas cara, direitos mesmo, de escolha, direito, igual você vê, ao estudo.

Solano explica que:

9

A gente tem vários projetos que visam é melhorar a leitura [...] Então, aí a gente tem vários projetos é “Rua do Livro” que é uma feira livre, que a gente leva livros para as ruas, é itinerante né, faz uma feira e distribui livros gratuitos. A gente tem também é ponto de incentivo à leitura. A educação ela é muito importante, né, já dizia os grandes pensadores né, e principalmente para quem mora na periferia é uma das arma muito importante para mudar a realidade né. E ainda a gente, além disso, a gente tem outros projetos, tem o pré-Enem que dá curso gratuito para qualquer idade né.

E Antônio, cheio de entusiasmo, afirma: “os movimentos sociais eles te impulsionam cara! De um jeito, sabe? Eles te põem, eles te dão uma força de comunicação que você não tem noção”. Para Felipe, com “forças se unindo, a comunidade fica forte, porque tem muitas pessoas talentosas no morro”. Então, segundo ele: “nós precisamos de espaço para estar levando a qualidade que nós temos da comunidade, para que juntos possamos difundir esse trabalho social que é de extrema importância, seja capoeira, percussão, dança, teatro, música, futebol. E aí vai.” Ainda segundo Felipe:

Não é porque eu moro na favela que eu não tenho direito de opinar, direito de me expor, os meus pensamentos, sabe? Então, o principal que nós trabalhamos aqui nas oficinas é esse direito de ir e vir do jovem, de poder se pronunciar. É essencial para intitular como morador da comunidade, mas com direito de falar, de falas no espaço público. E isso é o principal objetivo do projeto social né, formar um grande capoeirista, um percussionista, um grande jogador de futebol, mas sim ter direito de cidadão de ir e vir.

Na sequência, Dandara conta que sofreu violência doméstica em relacionamentos abusivos e foi isso que a levou a desenvolver um projeto de combate à violência contra as mulheres dentro da favela. Ela diz que sentia aquela necessidade ao seu redor, das mulheres precisarem de uma orientação, um apoio, e assim “foi atrás de montar um grupo” e começou sem estrutura alguma, que não estava preparada, mas a vida a preparou para isso. Dandara comenta que:

criada na periferia a gente costuma ter um muro, um muro imaginário. O mundo da gente é só isso aqui, mas não é. Eu consegui quebrar esse muro, derrubei barreira...entendeu? E quando conheci, quando cheguei na capoeira, conheci pessoas de outras classes né, vamos dizer assim... Mas com... com a sensibilidade de me acolher e vice-versa, foi troca de experiências né. Trocas de convivência.

Ao que se pode notar, a participação dos entrevistados em lutas e movimentos sociais guarda relação com a vivência de desafios de diversas ordens. Indagados se a escola favoreceu de alguma forma a participação deles em causas sociais, todos os entrevistados, em medidas diferentes, reconheceram **a importância da educação formal** para sua atuação nas lutas e movimentos sociais. Tereza avalia que:

Com certeza! Porque eu acho que eu tenho... a escola querendo ou não, mesmo diante de toda... inclusive a escola me fez entender que eu não queria estar em lugares como esses. Me fez entender que eu não queria estar num lugar que fosse hostil comigo, entende? Porque eu acho que as vezes não é a escola me mobilizar pra lutar. Ela pode ter me mobilizado negativamente, ter me feito alguma coisa negativa que me deu sentido pra lutar, entendeu?

Adão considera que a escola é essencial, e destaca a importância dos educadores:

A escola é fundamental né, então não tem como você falar que a escola não é importante, mas a escola, ela só é importante se ela tiver educadores que eles têm essa visão. Não pode ser um educador que só chega lá e faz a função dele que é: dois mais dois é quatro. Tem que ser, tudo você tem que ter o exemplo né, uma pessoa pra você se espelhar nela, né.

Felipe considera que a escola dá uma base, que “na escola, querendo ou não a gente tem uma base, entendeu?” Mas Felipe ressalta:

A escola num favoreceu essa acessibilidade nessa área social não, sabe? Eu busquei mesmo com parcerias com ONGs, entende? É, ah, na minha época a escola era muito fechada, né, não tinha muito essa abertura pro trabalho social assim de a galera vim e trazer oficinas, era coisa muito padrão, sabe? Muito cabresto, entendeu? Agora não, agora assim, tá bem mais flexível. Eu percebo que as diretoras tá recorrendo muito aos trabalhos sociais, até muitos voluntários, para tá trazendo as dinâmicas na escola né.

São falas que vão nos impactando e, nesse sentido, a “escuta sensível’ tal qual nos propõe a Marta Rovai tem a ver com a gente deixar essas falas continuarem nos atravessando de modo que a gente possa ir pensando o educador que a gente é, o currículo que a gente tem, a formação de professor que a gente promove e aquela que a gente quer alcançar.

Nessa direção, as falas dos entrevistados apontam para uma escola que aborde a diversidade e fale de política. A Antonieta avalia que a escola não deve ensinar só português, matemática, história...,mas tratar de política! Diz:

É, até mesmo porque hoje em dia eu não sinto que tenha um tema, uma preparação, pra preparar os jovens da escola pra política. Sim, fala sobre temas que tá ali passando no momento, na televisão, o professor comenta, os alunos comentam, porque viram na internet, mas não tem uma pauta sobre isso, não tem, precisa ter... E eu acho que tem que ter a pauta sim sobre a política no nosso país dentro das escolas, ser matéria mesmo sabe?

Inclusive, eles falam sobre o problema da propagação de *fake news* que vivemos em nosso país, da relação disso com a política. Nessa mesma direção Solano defende:

Eu acredito que tudo que envolve educação, tudo que envolve os movimentos sociais é formador de opinião e faz parte da política né. Então eu acho que é as escolas deveriam falar mais sobre isso; sobre democracia, sobre ditadura, entendeu? Não é uma questão de partidarismo, não, explicar os lado da história

Dandara insiste na abordagem da igualdade e das diferenças pela escola.

Então, aonde hoje eu sinto, eu falo né, volto de novo nessa parte da escola, da gente sempre mostrar a arte, mostrar o respeito às nossas diferenças e as nossas igualdades, né. Porque querendo ou não, a gente não tem diferença nenhuma e ao mesmo tempo tem as nossas diferenças, que né, ninguém é igual a ninguém, mas né, num todo mesmo são todos iguais, né. E é dentro do respeito né, dentro dos espaços, mas cada um tem o seu né. Então isso, as escolas não trabalham, entendeu? Um fala: Olha o cabelo dela é crespo, mas é negro, há a escravidão. E eles não falam, eles não falam verdadeira a realidade do menino preto ter orgulho, crescer com esse orgulho que que os meus ancestrais fizeram pra hoje, né. A gente ter o direito da liberdade, que todo mundo nasceu com direito a liberdade. Só que alguém ou alguma pessoa achou que tinha o direito de nos escravizar simplesmente por a gente ter um pouco mais de melanina.

A partir das falas a gente também identificou elementos sobre a formação de professores em diálogo com as lutas pela escola pública. Nesse sentido, a fala de Adão reforça a necessidade de abordagem da igualdade e da diferença nos processos formativos escolares. Ele assinala:

A gente tinha aquele problema de aceitação, né? Da própria raça, da cor, daquela coisa... Você ficar com vergonha, igual eu falo, você chegava no lugar, você achava que você não podia entrar no cinema, né? Nós era, nós éramos meio morro, né? A gente só ia para o assalto para ir para o colégio, então era do colégio para dentro do morro. Era aceitação, é muito foda assim.

Dandara rememora o poder de um abraço que ganhou da professora quando ainda criança na escola e defende práticas assentadas no acolhimento. Ela considera que os profissionais na escola “estão preocupados com os material didático né [...] estão preocupados de lê, escrever e essas coisas”. Para ela “a escola tinha que ser um pouco

além disso, né. Mostrar mesmo o que que é o corpo, o que não, o que não deve ser tocado, qual que são os limites”. Dandara também sugere: “Outro trabalho também é o que eu digo, é junto com os pais né, que a escola devia olhar mais né?” E ainda nos convida a pensar o currículo escolar! Ela como uma mulher que sofreu abuso, que organiza um projeto de combate à violência contra a mulher, ela passa a enxergar o quanto essa temática, de gênero, da educação sexual, é fundamental. E quando a gente pensa na educação básica, não tem como fugir, a gente precisa abordar essa questão. E a formação de professores precisa também abordar! Nessa direção Adão reitera a relevância de tratar essa temática na escola:

Sabe aquela professora que traz aquele aconchego para o aluno? Sabe conversar, sabe brincar... sabe? Aquela professora, aquela que acabava a aula, mas ela sentava com a gente no pátio. A gente chamava ela de muito louca, sabe? Ela conversava com a gente, coisa que de sexo, naquela época, que ainda hoje tem esse tabu né? Ela já conversava, ela já conversava, ela explicava pra gente altas coisas de como comportar com as meninas.

Tereza, por sua vez, vai defender a pesquisa na formação docente, bem como questionar o modelo tradicional de ensino que impera em cursos de licenciatura. Tereza comenta que foi “muito formada em projeto de pesquisa” e critica a “graduação sentadinha na carteira” estudando conteúdos que não permitem “sair do lugar”. O Antônio também defende que a formação docente esteja mais próxima da realidade de atuação das professoras e professores, e ressalta a importância da pesquisa, destacando a nossa pesquisa, o quanto dados desse nosso estudo são relevantes para professoras e professores em formação. Antônio afirma:

Eu acredito que essas pesquisas, elas trazem para os jovens que estão em faculdade, jovens que estão entrando no curso, trazem para eles um olhar social. Porque querendo ou não, esses jovens estão aí sentados no banco da faculdade hoje, mas eles vão segurar o pepino na bomba que está ficando lá na frente. Então eu vejo que assim, pô, esses meninos conhecem quase nada. O cara senta lá na faculdade, mas não sabe nada da vida. Então eu acho que elas trazem um campo de atuação que vai ter lá na frente e vai falar: 'Pô, e eu já ouvi falar sobre isso' e vai pesquisar sobre o que ele escuta. Eu acho que essa é uma importância.

Então, a título de conclusão, a exemplo do que já nos ensinou Carolina Maria de Jesus, em sua brilhante obra "Quarto de Desejo"(2004), o cotidiano da favela, na perspectiva de quem ali vive, ensina-nos, enquanto pesquisadores, a nos abirmos para saberes outros. E do diálogo entre os saberes outros que trazem nossos entrevistados, com outros mais, tecidos pela arte podemos suscitar algumas conclusões – a partir de algumas imagens que aqui divido com vocês.

A pintura intitulada "Favela", do pintor Heitor dos Prazeres, uma obra de 1965, nos leva a compreender, assim como disseram nossos entrevistados, que a favela é lugar de muita beleza.

A tela do pintor carioca Elian Almeida nomeada “O mais importante é inventar o Brasil que nós queremos”, datada de 2021, nos permite uma analogia com o trabalho coletivo presente nas falas dos entrevistados, impulsionador dos projetos e movimentos sociais em que eles atuam.

A imagem de Daiara Tukano em "Cantos para a Vida" (Performance, 2020) nos provoca a pensar uma escola que possa cantar a vida! As falas dos entrevistados nos estimulam nesse sentido, e nos estimulam a investir na problematização das diferenças, assim como somos provocados nesse sentido a partir da imagem “Série elementar “sem título”, fotografia, 2017”, de Uýra Sodoma.

Inspirados pela belíssima obra do nosso querido Ney Xakriabá (Nei Xakriabá, Cerâmicas, 2023) e pelas falas dos entrevistados ressaltamos o quão necessário se faz que a escola possa investir na valorização de culturas e manifestações artísticas diversas! E que a escola invista na pauta política e na democracia! E que a escola e a formação docente se abram mais ao diálogo com os movimentos sociais, pois como nos ensina Miguel Arroyo (2003), há muito a aprender com os movimentos sociais e suas lutas. Então, que a gente possa se abrir mais ao diálogo com os movimentos sociais porque temos muito a aprender com eles! Obrigada!

Referências

AROYO, Miguel. *Pedagogia em movimento: o que temos a aprender dos Movimentos Sociais?* Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003.

FRANTZ, Fanon. *Os condenados da terra*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2004.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). *Escutas sensíveis, vozes potentes: diálogos com mulheres que nos transformam*. 1.ed. Teresina: Editora Cancioneiro, 2021.